

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul

Dados dessazonalizados
2002 = 100

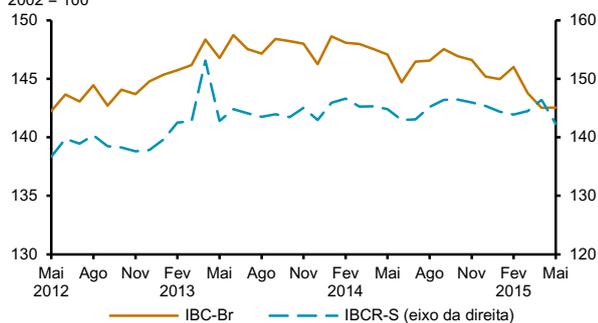
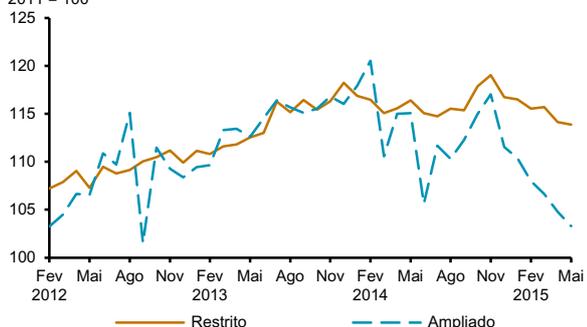


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2014 Ano	2015 Fev ^{1/}	2015 Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	1,9	-1,0	-1,4	-0,3
Combustíveis e lubrificantes	4,7	-2,1	1,3	1,3
Hiper e supermercados	0,7	1,5	-1,8	-0,4
Tecidos, vestuário e calçados	0,0	-3,5	-3,0	-3,6
Móveis e eletrodomésticos	1,0	-7,6	-3,1	-4,8
Comércio varejista ampliado	-0,7	-4,2	-4,6	-5,2
Automóveis e motocicletas	-5,4	-9,4	-10,8	-13,8
Material de construção	2,7	-2,1	-2,9	-1,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O ritmo da atividade econômica no Sul apresentou relativa estabilidade no trimestre encerrado em maio, reflexo de retrações no comércio e na indústria, e de desempenhos favoráveis da agricultura e da balança comercial. Nesse cenário, o IBCR-S decresceu 0,1% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, quando recuara 1,2%, no mesmo tipo de comparação, na série isenta de sazonalidade. Considerados intervalos de doze meses, o indicador registrou estabilidade em maio (retração de 0,4% em fevereiro e elevação de 2,4% em maio de 2014).

As vendas do comércio ampliado recuaram 4,6% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando diminuíram 4,2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Houve reduções nas vendas em seis das dez atividades pesquisadas (veículos, motos, partes e peças, -10,8%; móveis e eletrodomésticos, -3,1%). O comércio varejista, excluídas as variações nas vendas de veículos e de material de construção (-2,9%), recuou 1,4% no período, ante decréscimo de 1,0% no trimestre encerrado em fevereiro.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas do comércio ampliado recuaram 5,2% em maio de 2015 (-3,3% em fevereiro), mantendo a trajetória declinante iniciada em março de 2014, nessa base de análise. Destacaram-se os aumentos respectivos de 5,8% e 4,9% nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, e de artigos farmacêuticos, e os recuos nas atividades veículos, motos, partes e peças (-13,8%) e livros, jornais, revistas e papelaria (-9,4%). O comércio varejista, excluídas as variações nas vendas de veículos e de material de construção (-1,2%), variou -0,3% e 0,7%, respectivamente, nos períodos mencionados.

As vendas de automóveis e comerciais leves novos totalizaram 236,5 mil unidades no primeiro semestre de 2015, de acordo com a Fenabrave, recuando 24,9% em relação a igual período de 2014.

Tabela 5.2 – Receita nominal de serviços – Sul

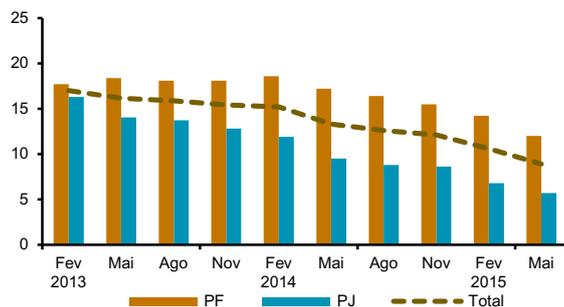
Segmentos	Var. %			
	2014	2015		12 meses
	Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	
Total	5,9	1,7	1,5	3,3
Serviços prestados às famílias	10,4	10,5	0,6	7,0
Serviços de informação e comunicação	7,5	1,4	1,6	3,9
Serviços profissionais e administrativos	8,3	7,6	3,6	7,9
Transportes e correios	2,9	-2,3	0,0	-0,1
Outros serviços	12,5	6,5	3,5	9,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 5.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

A receita nominal do setor de serviços aumentou 1,5% no trimestre finalizado em maio, em relação a igual período de 2014 (outros serviços, 3,5%; serviços profissionais, administrativos e complementares, 3,6%), segundo a PMS do IBGE. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 3,3% em maio (outros serviços, 9,6%; serviços profissionais, administrativos e complementares, 7,9%).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1mil contratadas no Sul totalizou R\$543,8 bilhões em maio, crescendo 1,0% no trimestre e 8,9% em doze meses. As operações com recursos direcionados variaram, na ordem, 1,1% e 12,4%, e as efetuadas com recursos livres, 1,0% e 5,1%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação.

A carteira de pessoas físicas somou R\$286,8 bilhões, aumentando 1,6% no trimestre e 12,0% em doze meses, destacando-se as modalidades financiamentos imobiliários, crédito pessoal consignado e não consignado. A carteira de pessoas jurídicas atingiu R\$257 bilhões, com elevações de 0,4% no trimestre e 5,7% em doze meses, sobressaindo as contratações da indústria de transformação (principalmente alimentos e bebidas e outras indústrias) e do segmento serviços industriais e de utilidade pública, concentradas na geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás.

A inadimplência das operações de crédito da região atingiu 2,6% em maio, variando 0,1 p.p. no trimestre e 0,2 p.p. em doze meses. A evolução trimestral do indicador decorreu de estabilidade no segmento de pessoas físicas e elevação de 0,2 p.p. no de pessoas jurídicas, que registraram taxas de 2,7% e 2,5%, respectivamente.

Os desembolsos do Sistema BNDES totalizaram R\$11,7 bilhões nos cinco primeiros meses de 2015 (R\$14,3 bilhões no mesmo período de 2014), dos quais 47% destinados às micro, pequenas e médias empresas.

O indicador de Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborado pela CNC, atingiu média de 100,8 pontos no segundo trimestre do ano (118 pontos no primeiro e 126,5 pontos em igual trimestre de 2014), destacando-se que a linha de indiferença situa-se em 100 pontos. Na avaliação dos sete componentes do ICF, as melhores expectativas situaram-se nas relativas ao emprego e renda atuais.

O Icec, calculado pela CNC, atingiu média de 81,8 pontos no segundo trimestre de 2015 (94,4 pontos no primeiro e 111,5 pontos em igual intervalo de 2014). A

Tabela 5.3 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2014		2015		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	56,5	-2,9	51,7	-68,9	-11,0
Indústria de transformação	18,7	-19,9	-13,8	-26,4	-8,0
Comércio	5,9	-1,6	38,6	-23,3	0,3
Serviços	33,8	18,6	22,6	-6,5	9,9
Construção civil	8,1	-2,2	-4,2	-13,1	-3,2
Agropecuária	-12,5	1,4	8,0	2,1	-11,2
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,3	0,2	0,5	-0,4
Outros ^{2/}	2,4	0,4	0,2	-2,2	1,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.4 – Necessidades de financiamento – Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2014	2015	2014	2015
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Total	-2 866	-2 099	2 457	2 343
Governos estaduais	-1 836	-1 831	2 392	2 317
Capitais	-76	-125	12	19
Demais municípios	-954	-143	53	7

1/ Inclui informações dos governos estaduais e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 5.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2014	Nominal	Outros ^{4/}	2015	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
	Total	83 907	-2 099	2 343	244	2 502
Governos estaduais	85 423	-1 831	2 317	486	2 366	88 274
Capitais	1 059	-125	19	-106	104	1 057
Demais municípios	-2 575	-143	7	-136	32	-2 680

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

trajetória declinante do indicador, que se encontra em área que indica falta de confiança, refletiu, sobretudo, a avaliação das condições atuais da economia brasileira, em particular do setor comercial.

A economia da região eliminou 11 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio, ante criação de 56,5 mil vagas em igual período de 2014, de acordo com o Caged/MTE. Destacaram-se os cortes na agropecuária, 11,2 mil postos, dos quais 10,6 mil em lavouras permanentes; e na indústria de transformação, 8 mil, concentrados nas indústrias mecânica (5,5 mil), de material de transporte (3,7 mil) e metalúrgica (3 mil). Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal recuou 0,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando registrara estabilidade.

O *superavit* primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sul totalizou R\$2,1 bilhões no primeiro trimestre de 2015 (R\$2,9 bilhões em igual período de 2014), refletindo, em especial, o recuo de 85,0% no *superavit* dos demais municípios.

Os juros, apropriados por competência, somaram R\$2,3 bilhões e o resultado nominal totalizou *deficit* de R\$243,6, no trimestre (R\$2,5 bilhões e *superavit* de R\$408,4 milhões, respectivamente, no primeiro trimestre de 2014).

Considerados dados consolidados, os governos dos três estados, das capitais e dos principais municípios registraram *superavit* primário de R\$2,5 bilhões no período de doze meses até maio (R\$1,6 bilhão em 2014). A apropriação de juros totalizou R\$7,4 bilhões e o resultado nominal foi deficitário em R\$4,9 bilhões (R\$7,2 e *deficit* de R\$5,6 bilhões, respectivamente, em 2014).

A dívida líquida dos três segmentos considerados atingiu R\$86,6 bilhões em maio de 2015, elevando-se 3,2% em relação a dezembro de 2014 e passando a representar 12,7% do endividamento de todas as regiões.

A receita de ICMS somou R\$27,6 bilhões nos cinco primeiros meses de 2015, segundo a Comissão Técnica Permanente do ICMS (Cotepe) do Ministério da Fazenda e as Secretarias Estaduais da Fazenda, com aumento real de 4,1%, em relação a igual intervalo de 2014. Considerados períodos de doze meses, essas receitas cresceram 1,4% em maio (7,0% em maio de 2014). As transferências da União, incluídos os recursos do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM),

Tabela 5.6 – Dívida líquida – Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões		
	2013	2014	2015
	Dez	Dez	Mar
Dívida bancária	6 660	9 919	10 054
Renegociação ^{2/}	64 542	65 822	66 619
Dívida externa	7 599	10 197	12 338
Outras dívidas junto à União	3 776	3 768	3 808
Dívida reestruturada	298	213	257
Disponibilidades líquidas	-5 742	-6 012	-6 424
Total (A)	77 135	83 907	86 652
Brasil^{3/} (B)	578 634	655 704	668 489
(A/B) (%)	13,3	12,8	13,0

1/ Inclui informações dos governos estaduais e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 5.7 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2014			Maio de 2015		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
		Primário	Nominal ^{3/}		Primário	Nominal ^{3/}
PR	17 074	624	1 843	16 434	-256	1 001
RS	58 075	-975	4 032	60 772	-1 573	3 560
SC	8 758	-1 248	-226	9 422	-673	373
Total (A)	83 907	-1 599	5 649	86 628	-2 503	4 934
Brasil^{4/} (B)	655 704	10 713	67 433	680 094	3 618	62 697
(A/B) (%)	12,8	-14,9	8,4	12,7	-69,2	7,9

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 5.8 – Produção agrícola – Sul

Ítems selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Varição %
		2014	2015	2015/2014
Grãos	72,0	70 751	77 386	9,4
Soja	40,2	29 533	34 708	17,5
Milho	14,0	24 266	24 268	0,0
Arroz (em casca)	8,6	9 477	9 787	3,3
Trigo	5,3	5 652	6 718	18,8
Feijão	3,3	1 086	962	-11,4
Outras lavouras				
Fumo	8,1	842	859	2,0
Cana-de-açúcar	4,0	50 131	51 377	2,5
Mandioca	3,8	5 440	5 791	6,5
Maçã	1,5	1 372	1 263	-7,9
Uva	1,3	961	1 029	7,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2015.

6/ Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS); Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola de Santa Catarina (Cepa/SC); e Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná (Seab).

7/ Corrigido pelo IGP-DI.

somaram R\$9,5 bilhões nos cinco primeiros meses do ano e R\$20,9 bilhões no intervalo de doze meses até maio, conforme a STN, com reduções reais respectivas de 4,3% e 2,2%.

A estimativa para a safra de grãos do Sul em 2015 atingiu 77,4 milhões de toneladas (37,6% da produção nacional), de acordo com o LSPA de junho do IBGE. O aumento anual de 9,4% repercutiu as previsões de aumentos para as colheitas de trigo (18,8%) e soja (17,5%), estabilidade para a de milho e recuo de 11,4% para a de feijão. Dentre as demais culturas, destaque-se a projeção de redução de 7,9% para a produção de maçã.

As cotações médias de arroz, milho, soja, feijão e trigo variaram 2,3%, -4,2%, -7,6%, -8,4%, e -19,7%, respectivamente, no primeiro semestre de 2015, em relação a igual intervalo do ano anterior, de acordo com a Emater/RS, Cepa/SC e Seab/PR⁶.

O Valor Bruto da Produção (VBP) real⁷ das lavouras, calculado em junho pelo Mapa, supera o de 2014 em 2,2%, destacando-se as projeções de aumentos para soja (8,4%) e trigo (9,3%), e reduções para milho (-8,6%), feijão (-4,6%) e arroz (-2,3%).

Os abatimentos de bovinos, aves e suínos, em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, variaram -15,2%, -1,2% e 0,4%, respectivamente, nos cinco primeiros meses de 2015, em relação a igual intervalo de 2014, conforme o Mapa. No mesmo período, as cotações médias desses produtos cresceram, na ordem, 22,1%, 0,9% e 0,8%, de acordo com a Emater/RS, a Cepa/SC, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São Paulo (USP) e a Seab/PR, e as respectivas exportações variaram -16%, 1,7% e 0,4%, segundo o MDIC.

Conforme estimativa do Mapa, realizada em junho, o VBP real da pecuária, corrigido pelo IGP-DI, deverá recuar 1,3% em 2015, reflexo de variações nos relativos aos itens leite (-6,7%), frango (-3,3%), suínos (1,1%), ovos (4,8%) e bovinos (9,3%).

A produção industrial do Sul recuou 1,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando decrescera 6,4% nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da

Tabela 5.9 – Preços médios pagos ao produtor – Sul

Produtos	Variação % no período		
	2015		
	Mês ^{1/} (Jun)	Trimestre ^{2/} (Abr-Jun)	Acumulado no ano ^{3/}
Soja	0,7	1,3	-7,6
Arroz (em casca)	-3,5	-4,6	2,3
Feijão	-6,7	-19,5	-8,4
Milho	-1,6	-4,2	-4,2
Trigo	-2,5	13,1	-19,7

Fontes: Emater/RS, Cepa/SC e Seab/PR

1/ Em relação ao mês anterior.

2/ Em relação ao trimestre anterior.

3/ Até junho, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 5.10 – Indicadores da pecuária – Sul

Maio de 2015

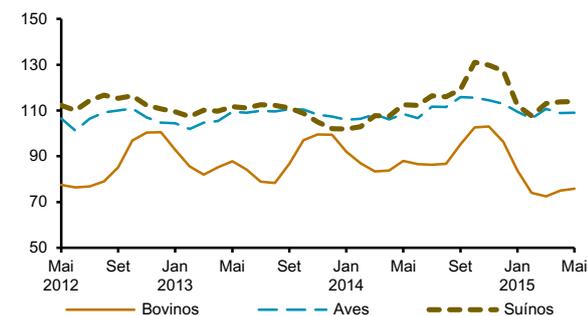
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-15,2	-16,0	22,1
Suínos	0,4	0,4	0,8
Aves	-1,2	1,7	0,9

Fonte: Mapa, Emater/RS, Cepea/USP, Seab/PR, Cepa/SC e MDIC

Gráfico 5.4 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2010 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.11 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2015		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-6,4	-1,3	-7,3
Produtos alimentícios	19,7	-2,1	0,4	-3,4
Veículos, reboques e carrocerias	13,6	-15,9	-8,4	-23,5
Máquinas e equipamentos	8,8	-7,9	-0,8	-12,2
Derivados petróleo e biocombustíveis	8,3	-9,3	3,9	-0,7
Outros produtos químicos	5,7	-1,7	2,9	0,9
Produtos de metal	5,7	-2,1	-5,0	-8,7
Artigos de vestuário e acessórios	3,9	-14,2	3,5	-3,1
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	4,0	-7,2	-3,2	-7,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

PIM-PF Regional do IBGE. Destacaram-se os desempenhos da indústria de fumo (26,6%), refino de petróleo (3,9%), vestuário (3,5%) e outros produtos químicos (2,9%).

Em doze meses até maio, a produção industrial do Sul contraiu 7,3% (-6,7% até fevereiro), destacando-se os desempenhos negativos das atividades veículos automotores (-23,5%) e máquinas e equipamentos (-12,2%).

O Ipei do Sul, elaborado pela CNI, atingiu 38,2 pontos no segundo trimestre de 2015, ante 38,6 pontos no trimestre anterior e 46 pontos em igual período de 2014. Embora o índice se mantenha em zona de pessimismo (abaixo de 50 pontos), houve, na margem, melhora no componente que mensura as expectativas dos empresários.

O indicador de estoques de produtos finais da indústria de transformação do Sul atingiu 55,6 pontos no trimestre finalizado em maio (54,6 pontos no trimestre até fevereiro e 52,8 pontos em igual período de 2014), segundo a Sondagem Industrial da CNI. Note-se que valores acima de 50 pontos refletem estoques efetivos acima dos planejados.

O nível de utilização da capacidade instalada da indústria do Sul⁸ atingiu 77,5% no trimestre finalizado em maio (77,9% no encerrado em fevereiro), dados dessazonalizados. O indicador registrou média de 78,5% no período de doze meses até maio (80,8% em 2014).

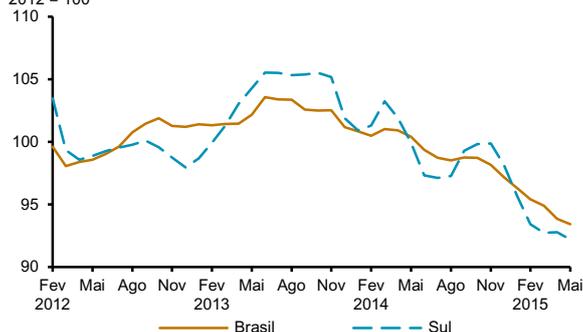
A balança comercial do Sul foi superavitária em US\$748,7 milhões no primeiro semestre de 2015 (deficit de US\$1,5 bilhão no mesmo período de 2014), de acordo com o MDIC. As exportações totalizaram US\$19,4 bilhões e as importações, US\$18,7 bilhões, reduzindo-se 10,9% e 19,9%, respectivamente, no período.

A retração das exportações repercutiu variações de 4,5% no *quantum* e de -14,7% nos preços. Os embarques de produtos básicos (51,9% do total) contraíram 12,6% no semestre (soja, -21,3%; carne de frango, -3,5%; carne de suíno, -6,0%); os de manufaturados (40,8% do total) diminuíram 9,4% (veículos, -7,4%; motores, geradores e transformadores elétricos, -16,8%); e os de semimanufaturados (7,3% do total) recuaram 6,7% (couros e peles, -19,0%). China, EUA e Argentina responderam por 36,9% das vendas da região nos seis primeiros meses de 2015, com variações respectivas de -18,2%, -6,2% e -8,9%, em relação ao mesmo período de 2014.

8/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Fiergs, Fiesc e Fiep, pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção do Sul, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE para 2010.

Gráfico 5.5 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 5.6 – Confiança do empresariado – Sul

Em pontos



Fontes: CNI e CNC

Tabela 5.12 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	21 803	19 431	-10,9	-14,7
Básicos	11 547	10 094	-12,6	-21,6
Industrializados	10 256	9 338	-9,0	-7,5
Semimanufaturados	1 516	1 415	-6,7	-3,9
Manufaturados ^{1/}	8 740	7 923	-9,4	-8,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.13 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	23 334	18 683	-19,9	-18,5
Bens de capital	4 548	3 721	-18,2	-15,8
Matérias-primas	12 232	9 978	-18,4	-15,0
Bens de consumo	4 328	3 582	-17,2	-13,7
Duráveis	2 353	1 741	-26,0	-20,5
Não duráveis	1 975	1 841	-6,8	-5,9
Combustíveis e lubrificantes	2 226	1 402	-37,0	-36,1

Fonte: MDIC/Secex

O recuo nas importações refletiu decréscimos de 10,7% na quantidade e de 10,3% nos preços. As aquisições de matérias-primas e de produtos intermediários (53,4% do total) diminuíram 18,4% no período (partes e peças para veículos, -19,6%, polímeros de etileno, -6,7%, e naftas, -36,7%); as de bens de capital (19,9% do total) decresceram 18,2% (veículos de carga, -28,2%); as de bens de consumo (19,2% do total) diminuíram 17,2% (automóveis, -41,9%); e as de combustíveis (7,5% do total) recuaram 37%. As importações provenientes da China, Argentina e EUA responderam, em conjunto, por 42,9% das compras da região no semestre, com variações respectivas de -5,5%, -27,1% e -5,3% em relação ao primeiro semestre de 2014.

A inflação no Sul⁹ atingiu 2,73% no segundo trimestre de 2015 (4,13% no primeiro). Ocorreram desacelerações nos preços livres, de 2,62% para 2,44%, e nos monitorados, de 9,39% para 3,69%, essa repercutindo, em grande parte, as reduções nas variações de preços nos itens energia elétrica residencial (de 45,45% para 4,19%) e gasolina (de 9,26% para 0,08%).

A trajetória dos preços livres refletiu, em especial, a desaceleração nos preços dos bens não comercializáveis, de 2,80% para 2,12%, favorecida pelo recuo de 8,73% nos preços das frutas, pela variação menos intensa no custo da alimentação fora do domicílio (de 3,27% para 1,48%) e pelo esgotamento do impacto sazonal do item cursos regulares. Os preços dos bens comercializáveis aceleraram, de 2,43% para 2,79% (vestuário, 3,04%; leites e derivados, 9,49%).

O índice de difusão atingiu 66,8% no segundo trimestre do ano (66,2% no primeiro e 61,5% no segundo trimestre de 2014).

O IPCA do Sul variou 9,77% no período de doze meses encerrado em junho (8,91% até março). Os preços monitorados, ainda em processo de realinhamento, aceleraram de 16,07% para 18,26%; e os preços livres – repercutindo variações mais intensas nos preços dos bens comercializáveis, de 6,10% para 6,78%, e dos não comercializáveis, de 7,64% para 7,94% – aceleraram de 6,89% para 7,37%.

O nível de atividade da região deverá permanecer moderado nos próximos trimestres, em cenário de persistência do processo de ajuste macroeconômico em curso no país, de estoques acima dos planejados e de menor confiança de empresários e consumidores. Devem ser considerados,

9/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

Tabela 5.14 – IPCA – Sul

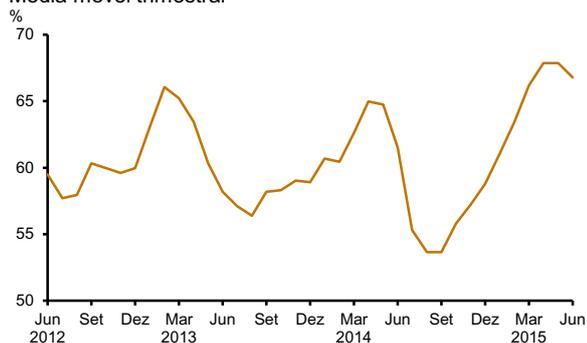
Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2014		2015	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,84	1,76	4,13	2,73
Livres	76,4	0,42	1,71	2,62	2,44
Comercializáveis	37,0	0,44	0,98	2,43	2,79
Não comercializáveis	39,4	0,41	2,40	2,80	2,12
Monitorados	23,6	2,29	1,93	9,39	3,69
Principais itens					
Alimentação	25,0	0,24	2,27	3,97	3,02
Habituação	15,8	3,98	2,29	10,74	3,16
Artigos de residência	4,6	0,81	0,27	1,15	2,94
Vestuário	6,8	-0,22	1,84	-0,09	3,04
Transportes	18,8	-0,13	2,21	4,51	1,22
Saúde	11,3	1,26	0,96	1,68	4,57
Despesas pessoais	10,2	-0,10	1,62	2,54	3,62
Educação	3,9	1,20	0,37	6,27	0,24
Comunicação	3,7	0,41	0,13	-1,32	0,85

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2015.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de difusão – Sul

Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

entretanto, possíveis impactos favoráveis sobre a cadeia produtiva na região, decorrentes tanto do maior dinamismo da produção agrícola, quanto da continuidade da melhora das transações comerciais com o exterior.

Paraná

Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná

Dados dessazonalizados

2002 = 100

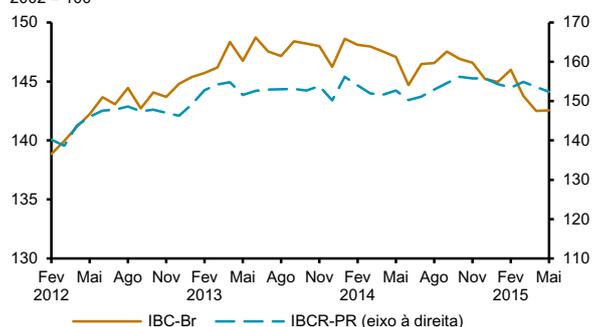
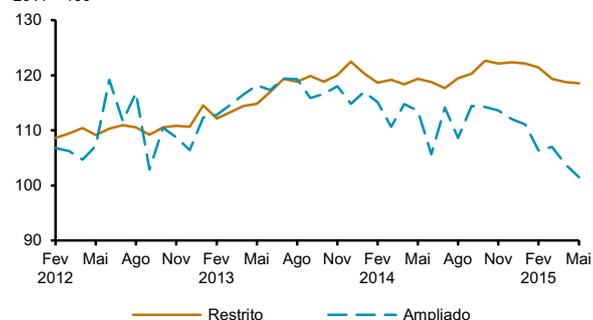


Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.15 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2014 Ano	2015		
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	2,3	0,2	-2,5	0,6
Combustíveis e lubrificantes	5,2	0,2	-0,5	2,0
Hiper e supermercados	3,2	0,7	-2,6	2,2
Tecidos, vestuário e calçados	0,1	-4,9	-3,6	-4,4
Móveis e eletrodomésticos	-3,1	-3,7	-6,9	-6,8
Comércio ampliado	-3,0	-3,7	-5,2	-5,8
Automóveis e motocicletas	-10,5	-9,2	-11,4	-15,4
Material de construção	-3,3	-5,3	0,4	-5,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do Paraná decresceu 0,8% no primeiro trimestre do ano, em relação a igual período de 2014, de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES). Essa evolução mostrou-se consistente com o ambiente de recuos na produção de veículos e nas vendas do comércio. A análise na margem ratifica a perda de dinamismo da economia paranaense, expressa, por exemplo, na retração de 0,6% registrada pelo IBCR-PR no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando apresentara decréscimo da mesma magnitude, nesse tipo de comparação.

As vendas do comércio ampliado recuaram 5,2% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando diminuíram 3,7%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Houve reduções nas vendas em nove das dez atividades pesquisadas (veículos e motos, partes e peças, -11,4%; móveis e eletrodomésticos, -6,9%). O comércio varejista, excluídas as variações nas vendas de veículos e de material de construção (0,4%), recuou 2,5% no período, ante expansão de 0,2% no trimestre encerrado em fevereiro.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas do comércio ampliado recuaram 5,8% em maio de 2015 (-5,0% em fevereiro), mantendo a trajetória declinante iniciada em setembro de 2014, nessa base de análise. Destacaram-se os aumentos respectivos de 5,6% e 3,6% nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, e de artigos farmacêuticos, e os recuos nas atividades livros, jornais, revistas e papelaria (19,3%) e veículos, motos partes e peças (15,4%). O comércio varejista, excluídas as variações nas vendas de veículos e de material de construção (-5,5%), aumentou 0,6% e 1,6% nos períodos mencionados.

As vendas de automóveis e veículos comerciais diminuíram 7,9% no trimestre encerrado em junho de 2015, em relação ao finalizado em março, de acordo com dados dessazonalizados da Fenabreve-PR e do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv PR). A retração atingiu 27,4% na comparação com igual trimestre de 2014.

A receita nominal do setor de serviços do Paraná cresceu 1,8% no trimestre finalizado em maio de 2015, em relação a igual período de 2014 (serviços profissionais, administrativos e complementares, 6,3%; serviços prestados

Tabela 5.16 – Receita nominal de serviços – Paraná

Segmentos	Variação % no período			
	2014	2015		
	Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Total	3,2	0,1	1,8	2,4
Serviços prestados às famílias	3,6	7,2	5,4	5,6
Serviços de informação e comunicação	1,8	-1,0	-1,5	1,7
Serviços profissionais e administrativos	10,0	11,4	6,3	10,2
Transportes e correio	2,1	-3,5	2,1	-0,2
Outros serviços	0,7	-3,6	3,6	6,2

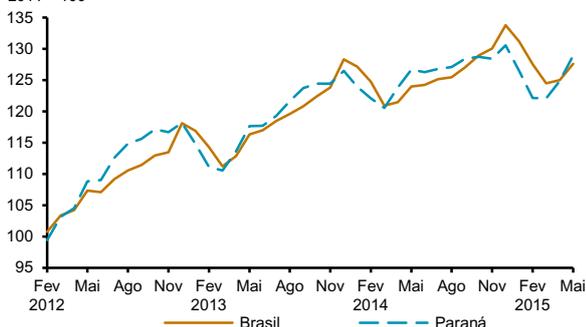
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês em referência e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 5.10 – Receita nominal de serviços

Dados observados – Média móvel trimestral

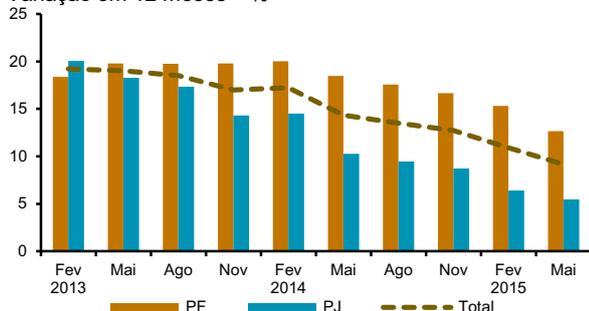
2011 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 5.17 – Evolução do emprego formal – Paraná

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2014			2015	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	25,2	5,1	16,0	-33,9	6,8
Indústria de transformação	3,8	-4,6	-0,9	-12,6	-2,4
Comércio	3,6	0,4	12,3	-9,3	2,6
Serviços	12,3	7,7	7,1	-4,3	4,2
Construção civil	3,4	-0,3	-2,3	-4,9	-0,7
Agropecuária	1,8	1,5	-0,3	-2,9	2,8
Serviços ind. de utilidade pública	-0,2	0,0	0,0	0,0	-0,1
Outros ^{2/}	0,4	0,3	0,1	0,2	0,3

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral e administração pública.

às famílias, 5,4%), de acordo com a PMS, do IBGE. Considerados períodos de doze meses, as receitas do setor de serviços aumentaram 2,4% em maio de 2015, ante 3,8% em fevereiro (serviços profissionais, administrativos e complementares, 10,2%; outros serviços 6,2%).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil, realizadas no Paraná, totalizou R\$205,8 bilhões em maio, elevando-se 0,6% no trimestre e 9,2% em doze meses. Os empréstimos com recursos direcionados somaram R\$111,6 bilhões, variando, na ordem, 0,7% e 13,4%, e os realizados com recursos livres, R\$94,3 bilhões, elevando-se 0,4% no trimestre e 4,5% em doze meses.

Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$108,8 bilhões, aumentando 1,4% no trimestre e 12,7% em doze meses, com destaque para as modalidades crédito pessoal consignado e financiamentos imobiliários. A carteira de pessoas jurídicas atingiu R\$97 bilhões, com variações respectivas de -0,3% e 5,5%, nos períodos considerados, destacando-se as contratações na modalidade de financiamentos à exportação.

A taxa de inadimplência dessas operações de crédito situou-se em 2,55% em maio, aumentando 0,11 p.p. no trimestre e 0,17 p.p. em doze meses. A trajetória trimestral repercutiu elevações de 0,03 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,19 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais a inadimplência atingiu, na ordem, 2,77% e 2,30%.

O mercado de trabalho paranaense criou 6,8 mil postos de trabalho formais no trimestre encerrado em maio (25,2 mil em igual período de 2014), de acordo com o Caged/MTE. Foram geradas 4,2 mil vagas no setor de serviços, 2,8 mil na agropecuária e 2,6 mil no comércio, e extintas 2,4 mil na indústria de transformação. Houve eliminação de 4,0 mil postos de trabalho na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), no trimestre, dos quais 3,9 mil na indústria de transformação e 1,0 mil na construção civil.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Paraná totalizou R\$325 milhões no primeiro trimestre de 2015, recuo de 63,6% em relação a igual período do ano anterior. Houve redução de 10,7% no *superavit* do governo estadual; reversão, de *superavit* de R\$511 milhões para *deficit* de R\$86 milhões, no resultado dos demais municípios; e aumento de 88,4% no *superavit* da capital.

Tabela 5.18 – Necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2014	2015	2014	2015
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado do Paraná	-891	-325	477	426
Governo estadual	-309	-276	429	408
Capital	-71	-134	4	8
Demais municípios	-511	86	43	9

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 5.19 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Paraná^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
		2014	Nominal		Outros ^{3/}	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{4/}	Dez	
Estado do Paraná	17 074	-325	426	101	213	17 388
Governo estadual	17 767	-276	408	132	190	18 090
Capital	507	-134	8	-126	58	439
Demais municípios	-1 201	86	9	95	-35	-1 141

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

4/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

Tabela 5.20 – Produção agrícola – Paraná
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2014	2015	
Grãos ^{3/}	74,8	35 610	37 834	6,2
Soja	45,7	14 806	17 145	15,8
Milho	18,2	15 726	15 471	-1,6
Feijão	5,3	830	730	-12,0
Trigo	4,5	3 721	3 960	6,4
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	7,9	49 087	50 532	2,9
Mandioca	4,6	3 815	4 212	10,4
Fumo	3,0	172	185	7,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2015.

3/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$426 milhões no período (R\$477 milhões no primeiro trimestre de 2014), e o resultado nominal foi deficitário em R\$101 milhões (*superavit* de R\$415 milhões em igual período de 2014).

A dívida líquida atingiu R\$17,4 bilhões em março, elevando-se 1,8% em relação a dezembro de 2014 e passando a representar 20,1% da dívida do Sul.

A safra de grãos do Paraná deverá totalizar 37,8 milhões de toneladas em 2015 (18,4% da produção do país) de acordo com o LSPA de junho do IBGE. O aumento anual de 6,2% reflete estimativas de elevação de 15,8% para a safra de soja, impulsionada pelo aumento de 11,8% projetado para a produtividade da cultura, e de recuos para as produções de milho (1,6%), refletindo redução de 18,8% na área cultivada na primeira safra, e de feijão (12,0%), em função de diminuições respectivas de 19,4% e 23,7% nas áreas cultivadas na primeira e na segunda safras.

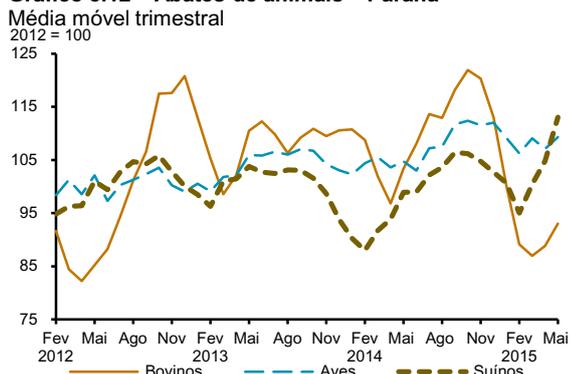
A safra de trigo no estado deverá crescer 3,0% em 2015, para 4,0 milhões de toneladas, de acordo com estimativa da Seab/PR e do Departamento de Economia Rural do Estado do Paraná (Deral), divulgada em junho. Estão projetados recuo de 5,0% para a área cultivada e expansão de 9,0% para a produtividade da cultura.

Os abates de aves, suínos e bovinos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de 1,4%, 10,5% e -14,9% nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2014, representando, na ordem, 31,8%, 21,6% e 3,5% dos abates realizados no país. Os preços médios recebidos pelos produtores no estado variaram -3,1%, 0,5% e 22,3%, respectivamente, no período, de acordo com a Seab/Deral.

O Índice de Confiança do Empresário da Indústria de Transformação (Icet-PR) situou-se em 35,8 pontos em junho (31,5 pontos em março), permanecendo na área de pessimismo pelo décimo oitavo mês consecutivo. Os componentes Índice de Condições Atuais (ICA) e Índice de Expectativas (IE) aumentaram 1,5 pontos e 5,5 pontos, respectivamente, para 28,1 pontos e 39,3 pontos. O Icec-PR¹⁰ atingiu 40,2 pontos em junho, ante 34,7 pontos em março, evolução decorrente de aumentos respectivos de 1,6 pontos e 7,6 pontos no ICA e no IE, que atingiram, na ordem, 33,9 pontos e 43,4 pontos.

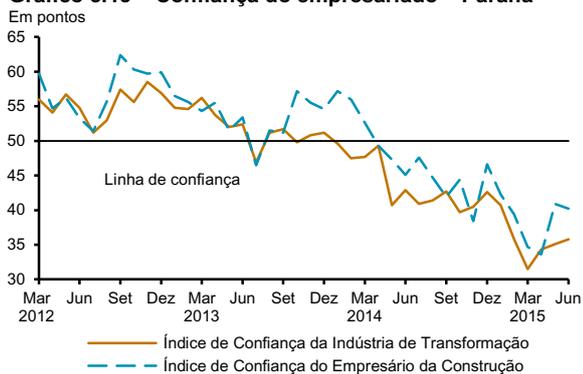
10/ O Icet-PR e o Icec-PR, elaborados pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), são compostos pelo ICA (peso 1) e pelo IE (peso 2). Os dois indicadores variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 pontos indicam empresários confiantes, melhores condições ou expectativas positivas. A metodologia pondera as respostas pelo tamanho da empresa, dado pelo número de empregados.

Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná



Fonte: Mapa

Gráfico 5.13 – Confiança do empresariado – Paraná



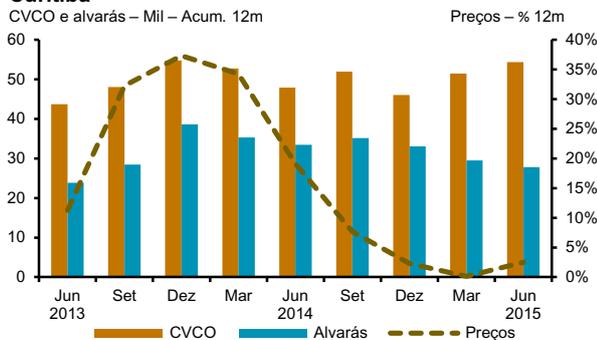
Fonte: Fiep

Gráfico 5.14 – Produção industrial – Paraná



Fonte: IBGE

Gráfico 5.15 – Evolução do mercado imobiliário em Curitiba



Fonte: PMC e Fipe.

A produção da indústria paranaense recuou 1,9% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando diminuiu 3,0%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados PIM-PF Regional do IBGE. Houve redução em nove das treze atividades pesquisadas (veículos automotores, reboques e carrocerias, -21,9%; máquinas, aparelhos e materiais elétricos, -9,4%; bebidas, -9,2%). Em relação às atividades que registraram maior dinamismo no trimestre, ressaltam-se as elevações nas indústrias de máquinas e equipamentos (11,3%) e de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (5,3%).

Considerados intervalos de doze meses, a produção industrial do estado recuou 7,9% em maio (8,2% em fevereiro), ressaltando-se os decréscimos nos segmentos veículos automotores, reboques e carrocerias (31,3%), máquinas e equipamentos (10,2%) e fabricação de produtos de minerais não metálicos (9,3%).

As vendas reais da indústria paranaense recuaram 3,7% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando diminuíram 3,9%, nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). Dentre os segmentos com maior representatividade na composição do indicador, ressaltam-se as diminuições nas vendas de veículos automotores (13,6%), produtos químicos (10,5%), produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (5,3%) e máquinas e equipamentos (2,6%). O número de horas trabalhadas e o de pessoas empregadas na indústria recuaram 2,3% e 3,0%, respectivamente, no trimestre, e o Nuci atingiu média de 72,5% (73,2% no trimestre até fevereiro).

A análise em doze meses indica que as vendas reais da indústria retraíram 7,6% em maio, em relação a igual período de 2014, ante 8,1% em fevereiro (fabricação e montagem de veículos automotores, -20,1%; artigos de borracha e plásticos, -13,0%; máquinas e equipamentos, -9,7%; e produtos químicos, -6,3%). O nível de estoques¹¹ de insumos da indústria paranaense aumentou 3,2 p.p. em maio (0,3 p.p. em fevereiro), na mesma base de comparação.

As vendas de caminhões e ônibus no Paraná diminuíram 1,3% no trimestre encerrado em junho, em relação ao finalizado em março, e 46,8% em relação a igual intervalo de 2014, de acordo com a Fenabrave-PR e o Sincodiv PR.

11/Diferença entre a variação acumulada nos últimos doze meses nas vendas totais da indústria e nas compras de insumos industriais, dados da Fiep.

Tabela 5.21 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2015		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-3,0	-1,9	-7,9
Produtos alimentícios	22,7	-2,4	1,6	-4,9
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	-8,7	5,3	-0,4
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	-3,1	-21,9	-31,3
Máquinas e equipamentos	6,7	-4,9	11,3	-10,2
Celulose e prod. papel	5,5	1,0	-2,5	6,6
Outros produtos químicos	4,7	7,7	-0,4	-0,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.22 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	8 394	7 344	-12,5	-14,7
Básicos	4 714	3 848	-18,4	-21,6
Industrializados	3 680	3 496	-5,0	-7,5
Semimanufaturados	786	743	-5,5	-3,9
Manufaturados ^{1/}	2 894	2 753	-4,9	-8,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.23 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	8 319	6 573	-21,0	-18,5
Bens de capital	1 795	1 442	-19,7	-15,8
Matérias-primas	4 672	3 654	-21,8	-15,0
Bens de consumo	1 253	978	-21,9	-13,7
Duráveis	874	641	-26,7	-20,5
Não duráveis	379	338	-10,8	-5,9
Combustíveis e lubrificantes	599	499	-16,6	-36,1

Fonte: MDIC/Secex

No âmbito da indústria da construção civil, a Prefeitura Municipal de Curitiba emitiu 13,1 mil certificados de conclusão de unidades imobiliárias, residenciais e não residenciais¹² no segundo trimestre de 2015 (variações respectivas de -1,3% e de 28,2% em relação ao trimestre anterior e a igual período de 2014); e concedeu 7,0 mil alvarás de construção imobiliária (variações respectivas de 336,6% e -19,6%, nas mesmas bases de comparação). Os preços dos imóveis em Curitiba recuaram 0,6% em 2015, de acordo com o Índice FipeZap de Preços de Imóveis Anunciados, refletindo o aumento da oferta de imóveis novos, a queda da renda disponível e a concessão de crédito imobiliário mais restritiva.

A balança comercial do Paraná registrou *superavit* de US\$771 milhões no primeiro semestre de 2015 (US\$75 milhões em igual período de 2014). As exportações recuaram 12,5% e as importações, 21,0%, totalizando US\$7,3 bilhões e US\$6,6 bilhões, respectivamente.

O desempenho das exportações decorreu de variações de 2,0% no *quantum* e -14,2% nos preços. Ocorreram reduções de 18,4% nas vendas de produtos básicos (soja mesmo triturada, -29,6%); de 4,9% nas de manufaturados (automóveis de passageiros, -11,2%); e de 5,5% nas de semimanufaturados (couros e peles, -34,4%). As exportações para a China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 37,1% dos embarques do estado no semestre, destacando-se as reduções de 74,7% nas vendas de soja para a China e de 96,6% nas de automóveis para a Argentina.

A trajetória das importações repercutiu reduções de 10,8% nos preços e de 11,5% no *quantum*. Ocorreram recuos nas aquisições em todas as categorias de uso, com destaque para os de 26,7% nas de bens de consumo duráveis (móveis e suas partes, exceto médico-cirúrgicos, -21,6%) e de 21,8% nas de matérias-primas (partes e peças para veículos, -28,5%). As compras de bens de capital decresceram 19,7% (veículos de carga, -42,2%); as de combustíveis e lubrificantes, 16,6%; e as de bens de consumo não duráveis, 10,8%. As importações provenientes da China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 37,3% das compras externas do estado no semestre, destacando-se as reduções de 42,0% nas compras de veículos de carga da Argentina e de 86,5% nas de automóveis de passageiros da Alemanha.

O IPCA da RMC variou 3,16% no segundo trimestre de 2015 (4,07% no primeiro), resultado de desaceleração dos preços monitorados, de 10,32% para 4,48%, e de aceleração

12/ Certificado de Vistoria de Conclusão de Obras (CVCO).

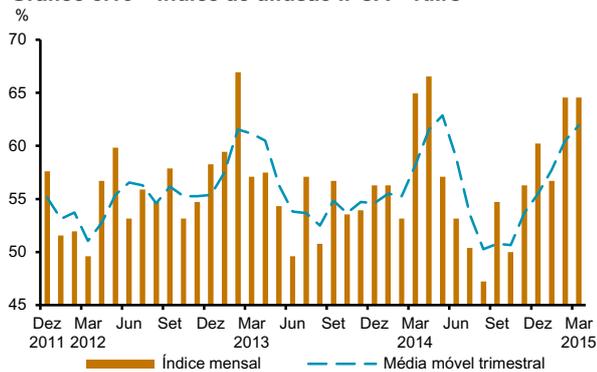
Tabela 5.24 – IPCA – RMC

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2014		2015	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,07	1,56	4,07	3,16
Livres	76,9	0,34	1,69	2,36	2,77
Comercializáveis	36,7	0,57	0,67	2,54	2,74
Não comercializáveis	40,3	0,12	2,63	2,20	2,80
Monitorados	23,0	3,84	1,08	10,32	4,48
Principais itens					
Alimentação	23,9	0,07	2,15	4,07	3,58
Habitação	17,0	5,71	1,29	10,13	4,59
Artigos de residência	4,4	0,97	0,07	0,88	3,27
Vestuário	7,2	0,66	1,23	0,94	2,76
Transportes	19,4	-0,43	2,26	4,15	0,42
Saúde	11,4	1,72	1,16	1,52	5,91
Despesas pessoais	9,7	-0,76	1,63	1,72	4,14
Educação	3,4	0,86	0,33	6,85	0,40
Comunicação	3,6	0,45	-0,10	-0,57	1,12

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2015.

Gráfico 5.16 – Índice de difusão IPCA – RMC



Fonte: IBGE

dos preços livres, de 2,36% para 2,77%. Destacaram-se os impactos das variações de preços nos grupos alimentação e bebidas (0,86 p.p.), habitação (0,78 p.p.) e saúde (0,68 p.p.)

A trajetória dos preços livres repercutiu acelerações dos preços dos bens comercializáveis, de 2,54% para 2,74%, e dos não comercializáveis, de 2,20% para 2,80%. O aumento na inflação trimestral dos bens monitorados refletiu, em especial, as elevações nos itens jogos de azar, 47,49%, taxa de água, 10,73%, e energia elétrica residencial, 6,30%, com impacto conjunto de 0,65 p.p. no IPCA. O índice de difusão atingiu média de 64,0% no trimestre encerrado em junho (61,9% no finalizado em março).

As perspectivas para a atividade econômica paranaense nos próximos trimestres devem ser favorecidas pelo desempenho robusto da agricultura, que exerce impactos potenciais importantes sobre a cadeia produtiva e sobre as exportações do estado. Devem ser considerados, no entanto, os efeitos do processo de ajuste em curso na economia do país sobre a trajetória da indústria automotiva do Paraná, segmento determinante para a evolução da estrutura industrial do estado.

Gráfico 5.17 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul

Dados dessazonalizados

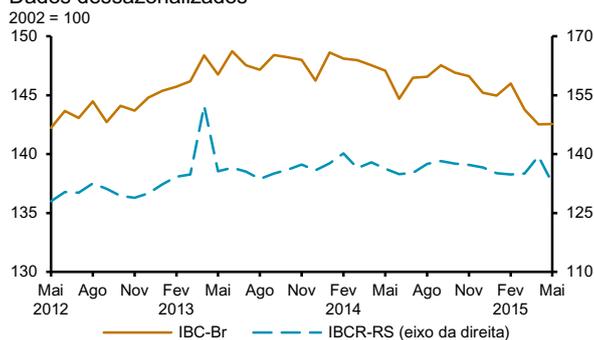


Tabela 5.25 – PIB e VAB – Rio Grande do Sul

Março de 2015

Discriminação	Var. %	
	I trim. 2015 / VI trim. 2014 ^{1/}	Acum. 4 trim.
PIB	0,9	-1,4
Impostos	-0,4	-2,8
VAB	1,0	-1,2
Agropecuária	-1,0	-0,4
Indústria	-2,7	-5,4
Serviços	0,4	0,2

Fonte: FEE

1/ Dados dessazonalizados.

Tabela 5.26 – Comércio varejista – Rio Grande do Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2014	2015		
		Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}
Comércio varejista	2,3	-3,2	-0,3	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	5,5	-5,6	4,0	-0,3
Hiper e supermercados	1,5	-0,6	-1,1	-0,8
Tecidos, vestuário e calçados	-3,0	-3,2	-0,1	-6,3
Móveis e eletrodomésticos	1,1	-10,1	-3,3	-6,0
Comércio varejista ampliado	0,3	-5,9	-3,9	-5,8
Automóveis e motocicletas	-4,6	-9,2	-12,2	-15,2
Material de construção	4,2	-4,6	-3,2	-1,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.18 – Comércio varejista – Rio Grande do Sul

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Rio Grande do Sul

O PIB do Rio Grande do Sul cresceu 0,9% no primeiro trimestre de 2015, em relação ao quarto trimestre de 2014, segundo dados dessazonalizados da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE). O resultado repercutiu variações de 0,4% no setor de serviços e recuos de 1,0% na agropecuária e de 2,7% na indústria. Dados mais recentes indicam continuidade da perda de dinamismo da indústria e do comércio, contrastando com o desempenho da agricultura e do setor externo. Nesse cenário, o IBCR-RS cresceu 0,1% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, segundo dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o indicador recuou 0,3% em maio (-1,3% em fevereiro).

As vendas do comércio ampliado recuaram 3,9% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando diminuíram 5,9%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Houve reduções nas vendas em oito das dez atividades pesquisadas (veículos, motos, partes e peças, -12,2%; móveis e eletrodomésticos, -3,3%). O comércio varejista, excluídas as variações nas vendas de veículos e de material de construção (-3,2%), recuou 0,3% no período, ante decréscimo de 3,2% no trimestre encerrado em fevereiro.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas do comércio ampliado recuaram 5,8% em maio de 2015 (-3,2% em fevereiro), mantendo a trajetória declinante iniciada em março de 2014, nessa base de análise. Destacaram-se os aumentos respectivos de 3,7% e 4,7% nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, e de artigos farmacêuticos, e os recuos nas atividades veículos, motos, partes e peças (-15,2%) e tecidos, vestuários e calçados (-6,3%). O comércio varejista, excluídos os decréscimos nas vendas de veículos e de material de construção (-1,2%), variou -1,0% e 0,4%, respectivamente, nos períodos mencionados.

A comercialização de automóveis e veículos comerciais leves no estado totalizou 76 mil unidades no primeiro semestre de 2015, segundo a Fenabrave, recuando 27,0% em relação a igual período de 2014. Em nível nacional, a redução atingiu 19,8% no período.

A receita nominal do setor de serviços do estado cresceu 0,1% no trimestre finalizado em maio, em relação a igual período de 2014 (outros serviços, 4,6%; serviços profissionais, administrativos e complementares, 3,3%), segundo a PMS do IBGE. O indicador aumentou 2,2%

Tabela 5.27 – Receita nominal de serviços – Rio Grande do Sul

Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

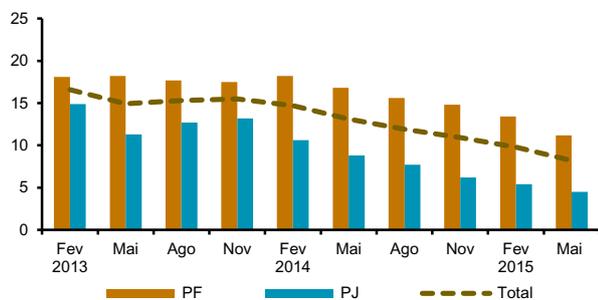
Segmentos	Var. %			
	2014	2015		
	Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Total	4,3	1,1	0,1	2,2
Serviços prestados às famílias	10,1	8,0	-4,7	4,3
Serviços de informação e comunicação	7,3	1,5	3,0	4,3
Serviços profissionais e administrativos	0,8	3,5	3,3	3,6
Transportes e correios	1,4	-3,2	-4,3	-2,0
Outros serviços	13,2	12,8	4,6	11,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 5.19 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio Grande do Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

no intervalo de doze meses até maio (3,3% até fevereiro), destacando-se as elevações nos segmentos outros serviços (11,8%) e serviços prestados às famílias (4,3%).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1mil contratadas no estado somou R\$197 bilhões em maio, aumentando 1,5% no trimestre e 8,2% em doze meses. As operações com recursos direcionados atingiram R\$105,2 bilhões, elevando-se, na ordem, 1,8% e 12%, e as efetivadas com recursos livres totalizaram R\$91,7 bilhões, com aumentos de 1,3% no trimestre e de 4,2% em doze meses.

A carteira de pessoas físicas atingiu R\$112,4 bilhões, crescendo 1,7% no trimestre e 11,2% em doze meses, com destaque para as modalidades financiamentos imobiliários, financiamentos rurais e crédito pessoal consignado. A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$84,6 bilhões (aumentos respectivos de 1,3% e 4,5%, nas mesmas bases de comparação), sobressaindo as operações destinadas à indústria de transformação – em especial de alimentos e bebidas, outras indústrias e de peças e acessórios para automotores – e à geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás.

A taxa de inadimplência dessas operações de crédito atingiu 3,0% em maio, aumentando 0,1 p.p. no trimestre e 0,4 p.p. em doze meses. A evolução trimestral repercutiu a estabilidade no segmento de pessoas físicas e a elevação de 0,2 p.p. no de pessoas jurídicas, nos quais os respectivos indicadores atingiram 3,3% e 2,7%, respectivamente.

O Icec, divulgado pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), registrou média de 81,8 pontos no segundo trimestre de 2015 (93,8 pontos no anterior e 113,5 pontos em igual período de 2014). A manutenção do indicador na zona de falta de confiança (abaixo de 100 pontos) refletiu, em especial, a percepção quanto ao momento atual da economia brasileira.

O índice Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborado pela CNC e divulgado pela Fecomércio-RS, atingiu média de 92,6 pontos no segundo trimestre de 2015, indicando perspectiva pessimista das famílias (abaixo de 100 pontos). O indicador registrou média de 107,2 pontos no primeiro trimestre deste ano e de 112,2 pontos no segundo trimestre de 2014.

O percentual de famílias endividadas¹³ atingiu, em média, 53,6% no segundo trimestre (53,5% em igual

13/São consideradas na pesquisa as dívidas contraídas por meio de cheques pré-datados, cartões de crédito, carnês de loja, empréstimo pessoal, compra de imóvel, prestações de carro e de seguros

Tabela 5.28 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul

Novos postos de trabalho

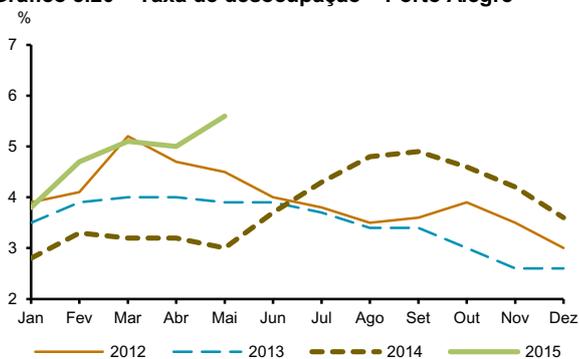
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2014			2015	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	18,2	-12,6	15,2	-25,0	-10,9
Indústria de transformação	7,5	-12,4	-11,2	-9,3	-2,6
Comércio	2,6	-2,6	14,5	-7,9	-0,8
Serviços	13,4	6,0	7,5	-3,7	1,9
Construção civil	1,2	-3,4	-0,4	-5,9	-2,5
Agropecuária	-7,3	0,0	5,0	2,2	-7,1
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	-0,1	0,0	0,2	-0,2
Outros ^{2/}	0,6	-0,1	-0,1	-0,7	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

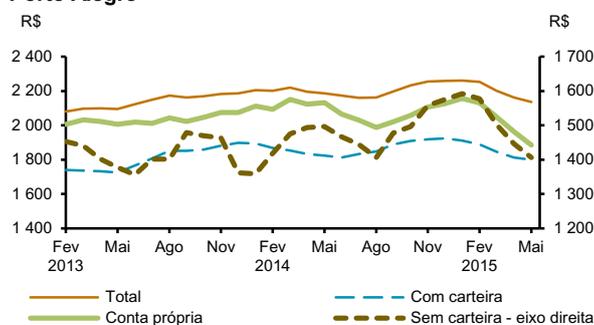
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 5.20 – Taxa de desocupação – Porto Alegre



Fonte: IBGE

Gráfico 5.21 – Rendimento médio real habitual^{1/} – Porto Alegre



Fonte: IBGE

1/ Média móvel trimestral, a preços de maio de 2015, corrigidos pelo INPC.

Tabela 5.29 – Necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2014	2015	2014	2015
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
RS	-1 052	-1 806	1 650	1 595
Governo estadual	-892	-982	1 642	1 590
Capital	5	-5	8	11
Demais municípios	-166	-819	0	-6

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

período de 2014), segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), elaborada pela Fecomércio-RS para Porto Alegre, com base em dados da CNC. Nessa base de comparação, o percentual de famílias com contas em atraso que não deverão ser pagas nos próximos trinta dias aumentou de 6,4% para 11,2%.

O mercado de trabalho no Rio Grande do Sul eliminou de 10,9 mil vagas formais no trimestre encerrado em maio (geração de 18,2 mil em igual período de 2014), de acordo com o Caged/MTE. A redução de 7,1 mil postos na agropecuária refletiu demissões sazonais nas lavouras permanentes (5,1 mil), exercendo o principal impacto para a queda do emprego do estado. Sobressaíram ainda os resultados da indústria de transformação (-2,6 mil) e construção civil (-2,5 mil). Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal recuou 0,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando variou -0,2% na mesma base de comparação, ressaltando as retrações de 2,8% na construção civil e de 1,6% na indústria de transformação.

A taxa de desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 5,2% no trimestre encerrado em maio (3,1% em igual período de 2014), de acordo com a PME do IBGE, reflexo de variações de 1,9% na população ocupada e de 4,2% na PEA. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5,4% no trimestre (4,4% no encerrado em fevereiro). Neste cenário, o rendimento médio real habitual e a massa salarial real contraíram, na ordem, 5,2% e 5,6%.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio Grande do Sul atingiu R\$1,8 bilhão no primeiro trimestre de 2015 (R\$1,1 bilhão em igual período de 2014), com destaque para o aumento de R\$653,6 milhões no resultado dos demais municípios. Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$1,6 bilhão (R\$1,7 bilhão no primeiro trimestre de 2014) e o resultado nominal foi superavitário em R\$211,1 milhões (*deficit* de R\$597,7 milhões no primeiro trimestre de 2014).

A dívida líquida do estado atingiu R\$59,6 bilhões em março, aumentando 2,6% em relação a dezembro de 2014, destacando-se a expansão de 3,9% registrada no âmbito do governo estadual.

A arrecadação de ICMS totalizou R\$4,4 bilhões no primeiro semestre de 2015, segundo a Secretaria da Fazenda

Tabela 5.30 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul^{1/}

UF	R\$ milhões					Dívida ^{2/} 2015 Mar
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Outros ^{4/}	
	2014 Dez	Nominal	Juros	Total ^{3/}		
		Primário				
RS	58 075	-1 806	1 595	-211	1 726	59 589
Governo estadual	57 994	-982	1 590	609	1 646	60 249
Capital	398	-5	11	6	35	438
Demais municípios	-317	-819	-6	-825	45	-1 098

1/ Inclui inform. do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 5.31 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

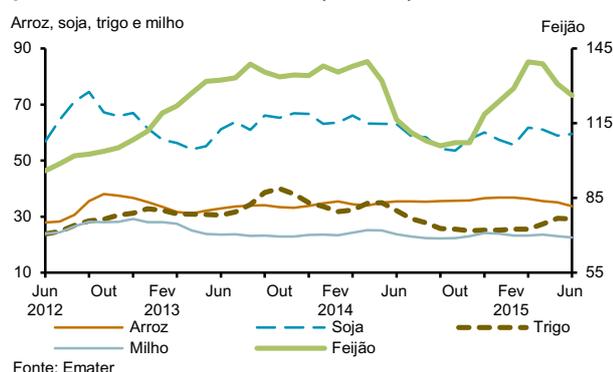
Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2015/2014
		Produção ^{2/}		
		2014	2015	
Grãos	74,8	28 799	32 968	14,5
Soja	40,2	13 041	15 596	19,6
Arroz	17,7	8 241	8 541	3,6
Milho	8,2	5 390	5 640	4,6
Trigo	7,0	1 671	2 529	51,4
Feijão	0,7	111	95	-14,0
Outras lavouras				
Fumo	10,0	413	418	1,2
Mandioca	3,5	1 181	1 154	-2,3
Uva	2,1	813	876	7,7
Maçã	1,6	690	598	-13,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2013.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2015.

Gráfico 5.22 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)



Fonte: Emater

do Rio Grande do Sul, com acréscimo real de 0,8% em relação a igual período de 2014. Em doze meses até junho, a arrecadação real elevou-se 0,2%. As transferências da União para o estado somaram R\$3,7 bilhões nos cinco primeiros meses do ano e R\$8,1 bilhões em doze meses, de acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional (STN), com recuos reais de 4,5% e 1,9% nessas bases de comparação¹⁴.

A safra gaúcha de grãos deverá atingir o recorde de 33 milhões de toneladas em 2015 (16% da produção nacional), de acordo com o LSPA de junho do IBGE. A previsão de aumento anual de 14,5% reflete, em especial, as estimativas de aumentos para as colheitas de trigo (51,4%)¹⁵, soja (19,6%), milho (4,6%) e arroz (3,6%). Assinale-se a projeção de redução de 14,0% para a produção de feijão, cultivo que vem diminuindo a cada ano, como consequência da falta de mão-de-obra, da volatilidade dos preços do produto e das dificuldades na comercialização, bem como do preço mais atrativo da soja. Dentre as demais culturas, destaque-se a redução de 13,3% prevista para a produção de maçã.

As cotações médias dos principais produtos do estado registraram, segundo a Emater/RS, reduções no primeiro semestre do ano, em relação a igual período de 2014. Destacaram-se os recuos nos preços do trigo (18,8%), soja (7,3%), milho (3,8%) e feijão (1,4%). A cotação do arroz cresceu 2,6% no semestre.

O valor bruto da produção (VBP) real dos principais produtos agrícolas do estado, considerado o IGP-DI como deflator, deverá aumentar 5,0% em 2015, de acordo com estimativa de junho do Mapa. Estão previstas elevações do VBP real do trigo (27,5%), soja (11,6%) e milho (1,5%), e recuos para os relativos a arroz (1,9%) e feijão (11,6%).

Os abatimentos de bovinos, suínos e aves, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, recuaram 15,5%, 5,8% e 1,2%, respectivamente, nos cinco primeiros meses de 2015, em relação a igual período de 2014, representando, na ordem, 2,6%, 21,6% e 13,8% dos abatimentos no país, de acordo com o Mapa.

Na mesma base de comparação, os respectivos preços médios aumentaram, na ordem, 21,3%, 11,2% e 2,4%, conforme a Emater/RS e o Cepea/USP. As exportações de carnes bovina, suína e de aves variaram -2,0%, 7,6% e -3,3%, respectivamente, de acordo com o MDIC, no período.

14/ Dados corrigidos pelo IGP-DI.

15/ Em 2014, o estado foi acometido por geadas e excesso de chuvas no final do ciclo das lavouras, derrubando drasticamente a produção e a qualidade do trigo colhido. A evolução deste ano, portanto, corresponde a uma recuperação da produção.

Tabela 5.32 – Indicadores da pecuária – Rio Grande do Sul
Maio de 2015

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates^{1/}			
Bovinos	-15,5	-2,0	21,3
Suínos	-5,8	7,6	11,2
Aves^{2/}	-1,2	-3,3	2,4
Leite^{3/}	-0,4	-	-8,3

Fonte: Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

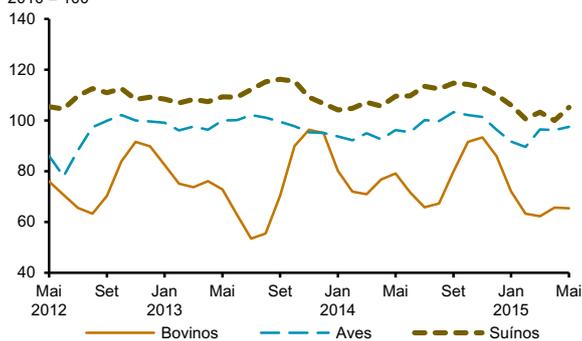
2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros. Produção até março/2015. Preços até maio/2015

Gráfico 5.23 – Abates de animais – Rio Grande do Sul

Média móvel trimestral

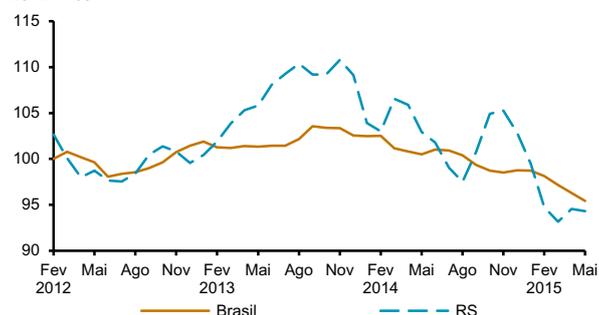
2010 = 100



Fonte: Mapa

Gráfico 5.24 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2012 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.33 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2015		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-9,4	-1,0	-8,1
Produtos alimentícios	16,4	-2,1	-0,3	-2,7
Veículos automotores	13,8	-28,3	0,8	-17,9
Máquinas e equipamentos	12,0	-14,1	-3,4	-15,6
Outros produtos químicos	10,3	-5,2	4,4	1,4
Artef. couro e calçados	8,9	-3,4	-1,8	-3,7
Produtos de metal	8,5	-3,0	-6,3	-11,6
Prod. borracha e plástico	5,0	-8,1	-1,5	-7,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A produção gaúcha de leite, que responde por 14,0% do total nacional, diminuiu 0,4% no primeiro trimestre de 2015, em relação a igual período de 2014, de acordo com o IBGE. De janeiro a maio de 2015, o preço do produto recuou 8,3%, segundo a Emater/RS.

O VBP real da pecuária, considerado o IGP-DI como deflator, deverá recuar 0,7% em 2015, de acordo com estimativa realizada pelo Mapa em junho. Estão projetados aumentos nos VBPs de bovinos (9,8%) e ovos (1,7%), e reduções respectivas de 5,7%, 3,7% e 0,7% nos relativos a leite, frango e suínos.

A produção da indústria gaúcha recuou 1,0% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando contraíra 9,4%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Destacaram-se, no trimestre, os recuos nas atividades coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, 13,2%, e metalurgia, 10,5% e a melhora nos resultados das indústrias automotiva e de fumo.

Considerados períodos de doze meses, a produção física da indústria recuou 8,1% em maio, ante 7,2% em fevereiro. Ocorreram retrações em doze das catorze atividades pesquisadas (metalurgia, -20,2%; veículos automotores, -17,9%; e máquinas e equipamentos, -15,6%).

O Índice de Desempenho Industrial (IDI) recuou 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando decrescera 5,4%, conforme dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs). A redução da retração do IDI refletiu, em especial, as reversões nos componentes compras industriais e massa salarial. O IDI contraíu 7,1% no intervalo de doze meses até maio, em relação ao período encerrado em maio de 2014, quando expandira 2,0%, na mesma base de comparação.

O Icei atingiu 39 pontos no segundo trimestre de 2015, segundo a Fiergs (39 pontos no primeiro trimestre e 47,2 pontos em igual trimestre de 2014). O Icei da indústria da construção atingiu 37,7 pontos no período, variando 0,8 ponto no trimestre e -5,6 pontos em doze meses, destacando-se que a variação na margem repercutiu crescimento de 2,0 pontos no componente que avalia as expectativas e recuo de 1,5 ponto no que mensura as condições atuais.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos em Porto Alegre, razão entre as vendas e a oferta, atingiu

Tabela 5.34 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2015		12 meses
	Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	
IDI	-5,4	-1,4	-7,1
Compras industriais	-12,4	1,0	-14,8
Faturamento	-11,2	-3,9	-9,3
Emprego industrial	-1,5	-1,4	-4,1
Horas trabalhadas	-3,5	-2,8	-6,0
Massa salarial	-6,4	0,7	-2,2
Nuci ^{1/}	78,8	79,6	80,0

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo BCB.

Gráfico 5.25 – Confiança do empresariado – Rio Grande do Sul



Tabela 5.35 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	8 868	8 050	-9,2	-14,7
Básicos	4 663	4 436	-4,9	-21,6
Industrializados	4 205	3 614	-14,1	-7,5
Semimanufaturados	608	549	-9,8	-3,9
Manufaturados ^{1/}	3 597	3 065	-14,8	-8,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

11,9% no trimestre encerrado em maio, ante 8,8% em igual período de 2014, segundo a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre (Sinduscon-RS). Essa evolução decorreu de variações de 12,8% na comercialização de imóveis e de -19,5% na oferta.

As vendas de ônibus e caminhões totalizaram 3,5 mil unidades no primeiro semestre, segundo a Fenabrave. A redução de 34,1% em relação a igual período de 2014 repercutiu, em especial, a retração de 39,3% nas vendas de caminhões no período.

A balança comercial do Rio Grande do Sul foi superavitária em US\$2,9 bilhões no primeiro semestre de 2015 (US\$1,6 bilhão no mesmo período de 2014), de acordo com o MDIC. As exportações totalizaram US\$8 bilhões e as importações, US\$5,2 bilhões, contraindo 9,2% e 29%, respectivamente, no período.

A evolução das exportações refletiu variações de -17,0% nos preços e de 9,4% no *quantum*. Os embarques de produtos básicos, que representaram 55,1% do total, recuaram 4,9% (milho, -76,4%; soja, -12,3%; carne de frango, -9,2%); os de produtos manufaturados (38,1% do total) diminuíram 14,8% (óleos combustíveis, -97%, e máquinas agrícolas, -29%); e os de semimanufaturados (6,8% da pauta) reduziram 9,8% (couros e peles, -11,2%).

As exportações direcionadas à China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 38,7% das vendas externas do estado no primeiro semestre, com variações respectivas de -14,6%, -4,1% e -16,1%, em relação a igual intervalo de 2014.

A trajetória das importações refletiu recuos de 14,0% no *quantum* e de 17,4% nos preços. As aquisições de produtos intermediários (47,2% do total) decresceram 24,7% (naftas, -34,7%; partes e peças para veículos; -17,7%; adubos e fertilizantes, -21,5%); as de bens de capital (23,1% do total) recuaram 21,1% (veículos de carga, -21,9%); as de combustíveis (17,4% do total) retraíram 44,5%; e as de bens de consumo (12,3% do total) recuaram 30,1% (automóveis, -52,7%).

As importações provenientes da Argentina, China e EUA representaram, em conjunto, 41% das compras do estado no primeiro semestre, com variações respectivas de -32,3%, 0,9% e -12%, em relação ao mesmo período de 2014.

Tabela 5.36 – Exportações por principais setores do Rio Grande do Sul: Janeiro-junho

Discriminação	Valor (US\$ milhões)		
	2014	2015	Var. %
Agricultura e pecuária	2 614	2 305	-11,8
Indústria de transformação ^{1/}	6 240	5 734	-8,1
Alimentos e bebidas	1 880	1 865	-0,8
Produtos químicos	883	851	-3,6
Fumo	555	629	13,3
Calçados e couros	542	485	-10,5
Veículos	428	462	7,9
Máquinas e equipamentos	505	412	-18,4
Produtos de metal	195	185	-5,1
Borracha e plástico	180	168	-6,7
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	439	123	-72,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Itens selecionados.

Tabela 5.37 – Importação por categoria de uso – FOB Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2014	2015	Var. %	Var. %
Total	7 275	5 164	-29,0	-18,5
Bens de capital	1 513	1 194	-21,1	-15,8
Matérias-primas	3 235	2 437	-24,7	-15,0
Bens de consumo	912	637	-30,1	-13,7
Duráveis	675	409	-39,4	-20,5
Não duráveis	237	228	-3,8	-5,9
Combustíveis e lubrificantes	1 615	896	-44,5	-36,1

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.38 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2014		2015	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	0,61	1,94	4,19	2,34
Livres	75,8	0,51	1,73	2,87	2,13
Comercializáveis	37,2	0,32	1,25	2,32	2,83
Não comercializáveis	38,6	0,69	2,19	3,40	1,46
Monitorados	24,2	0,96	2,67	8,58	2,99
Principais itens					
Alimentação	25,9	0,39	2,38	3,88	2,54
Habituação	14,7	2,15	3,39	11,40	1,64
Artigos de residência	4,7	0,68	0,46	1,39	2,65
Vestuário	6,4	-1,10	2,45	-1,13	3,33
Transportes	18,2	0,17	2,16	4,87	2,01
Saúde	11,1	0,83	0,77	1,83	3,31
Despesas pessoais	10,6	0,47	1,61	3,25	3,17
Educação	4,5	1,43	0,40	5,87	0,12
Comunicação	3,8	0,38	0,33	-1,97	0,62

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2015.

O IPCA na RMPA variou 2,34% no segundo trimestre de 2015, ante 4,19% no primeiro. A evolução repercutiu desacelerações dos preços livres, de 2,87% para 2,13%, e dos monitorados, de 8,58% para 2,99%, essa evidenciando recuos nas variações de preços nos itens energia elétrica residencial (de 46,86% para 2,15%) e gasolina (de 7,21% para 3,24%).

O comportamento dos preços livres refletiu desaceleração nos preços dos bens não comercializáveis, de 3,40% para 1,46% (frutas, -12,67%; arrefecimento em alimentação fora do domicílio, de 2,93% para 1,31%; estabilidade em cursos), e aceleração nos dos bens comercializáveis, de 2,32% para 2,83% (vestuário, 3,33%; leites e derivados, 9,43%).

O índice de difusão atingiu média de 61,8% no trimestre finalizado em junho (61,4% no encerrado em março e 59,5% em igual período de 2014).

Considerados intervalos de doze meses, a inflação da RMPA atingiu 9,36% em junho, ante 9,14% em março, resultado de acelerações dos preços monitorados, de 15,33% para 15,91%, e dos preços livres, de 7,32% para 7,42%.

A economia gaúcha registrou, no período recente, desaceleração da produção industrial, das vendas do comércio e do setor de serviços, com desdobramentos negativos sobre o mercado de trabalho. Esses impactos, compatíveis com o processo de ajuste econômico em curso no país, tendem a ser parcialmente neutralizados pelos efeitos dos resultados favoráveis do setor primário e de eventual consolidação do maior dinamismo do mercado externo. Os investimentos, embora reflitam o menor dinamismo da atividade, deverão ser influenciados pela manutenção do acordo com a Petrobras para a construção dos módulos de duas plataformas de petróleo no polo naval de Rio Grande (P75 e P77, US\$1,6 bilhão).